

A trajetória de Marielle Franco na graduação em Ciências Sociais na PUC-Rio: uma entrevista com Ricardo Ismael

Gustavo Cravo de Azevedo

gustavo_cravo@hotmail.com

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCIS) da PUC-Rio. Pesquisador do Laboratório de Ensino de Sociologia Florestan Fernandes (LabES/UFRJ).

Juliana Moreira da Silva

julianahmoreira@yahoo.com.br

Graduada em Ciências Sociais pela PUC-Rio

Juliana e Gustavo: Qual foi o seu primeiro contato com a Marielle?

Ricardo: Ela ingressou aqui na PUC-Rio no ano de 2002, começando sua trajetória na universidade e no curso de Ciências Sociais, mais precisamente, no segundo semestre. Fui ter contato com ela, pela primeira vez, no primeiro semestre de 2003, como professor na disciplina Construção Liberal e Suas Críticas. A partir daí ela vai começar a despertar um lado que certamente não é muito comum em estudantes oriundos das comunidades cariocas. Acho que ainda hoje não é muito comum. Ela tinha muita vontade de se integrar a um grupo de pesquisa, ou seja, de fazer atividades extraclasse. Embora morasse distante, no bairro da Maré, e tivesse ainda uma filha pequena para criar, ela queria viver essa experiência da pesquisa de iniciação científica. Foi engraçado porque de repente apareceram aqui no Departamento de Ciências Sociais, no processo seletivo que tinha sido agendado, quatro alunas interessadas em fazer parte de uma pesquisa: Marielle Franco, Aline Franca, Fabiana Porfírio e Larissa Ferraz. Naquela oportunidade, só tinha uma bolsa de iniciação científica do CNPq (bolsa PIBIC). Fizemos um acordo – uma delas seria escolhida e as outras podiam ficar no grupo de pesquisa como voluntárias. E assim foi feito. Evidente que depois houve um rodízio, e a Marielle também ficou uma parte do tempo, durante o Curso de Ciências Sociais, com essa bolsa PIBIC. Inclusive, ela fez parte do seminário de iniciação científica em 2006. A pesquisa que ela fez comigo abordava a questão da desigualdade de renda na perspectiva do pensamento social brasileiro. Inclusive esse tema, e essa pesquisa, terminou desaguando também na monografia dela de final de curso, que eu tive oportunidade de orientar. A formatura de Marielle aconteceu no final de 2006. Então foram mais ou menos três anos de convivência na PUC-Rio. E depois que ela terminou o curso a gente continuou mantendo contato frequente, pois ela gostava de me ouvir sobre sua formação acadêmica.

Juliana e Gustavo: Qual era sua pesquisa na época?

Ricardo: Naquele momento, em que foi formado o grupo de pesquisa das quatro alunas citadas, eu estava querendo investigar a questão da desigualdade e da pobreza no Brasil, e também os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio das Nações Unidas. Trabalhava com autores e conceitos associados a esses temas. Marielle fez a opção, de comum acordo, de estudar dois autores que

DIGNIDADE RE-VISTA | ISSN2525-698X | 2019 | V.IV | N.7 | O legado de Marielle Franco.
Pastoral Universitária Anchieta PUC-RIO

contribuíram para o debate sobre a desigualdade de renda brasileira: Celso Furtado e Carlos Langoni. Celso Furtado, principal referência do pensamento desenvolvimentista, trabalhava com a ideia de redução da desigualdade através de algum tipo de intervenção do governo na economia. Defendia a regulação governamental para corrigir as imperfeições do mercado de trabalho. Carlos Langoni, por sua vez, era um dos mais importantes representantes do pensamento liberal, trabalhava com a perspectiva da Teoria do Capital Humano. Quer dizer, para corrigir a desigualdade de renda no mercado de trabalho urbano seria preciso corrigir os desníveis educacionais, através de uma política pública que assegurasse uma educação básica de qualidade para todos. A ideia era garantir igualdade de oportunidades. Ainda para Langoni, no caso da redução da desigualdade no mundo rural, seria necessário fazer uma reforma agrária para democratizar o acesso à terra. Ela terminou estudando esses dois autores. Eu diria que a escolha de Celso Furtado era uma opção natural, pois se tratava de um autor que ela já tinha ouvido falar. Estudar Langoni contou com influência minha, já que as ideias liberais passavam mais distante de sua trajetória pessoal.

Acho que a disciplina Construção Liberal e suas Críticas, ministrada por mim no segundo período do curso de Ciências Sociais, em 2003.1, que trabalhava muito com a perspectiva do liberalismo político e as principais correntes em oposição, despertou de alguma maneira o interesse dela em realizar uma pesquisa de iniciação científica comigo. E ali também surgia uma relação de respeito e confiança recíproca, entre o professor e a aluna, que fez com que aceitasse minhas sugestões durante o processo de formação da pesquisadora.

Juliana e Gustavo: Saberria responder por que a escolha desta universidade?

Ricardo: Não conseguiria responder com precisão a razão dessa escolha pela PUC-Rio. Nunca perguntei a Marielle sobre isso. Ela teria outras opções, como as universidades públicas situadas na cidade do Rio de Janeiro. Ela fez a graduação em Ciências Sociais com bolsa integral filantrópica, modalidade que permitia o acesso à universidade de estudantes das comunidades cariocas, muito antes do PROUNI. Mas talvez – é uma hipótese – ela tenha escolhido a PUC-Rio porque a família dela era católica. De alguma maneira, enfim, acredito que isso terminou pesando na sua decisão. A filha dela, Luyara, diferentemente, anos depois, optou pela UERJ. Então, nunca

DIGNIDADE RE-VISTA | ISSN2525-698X | 2019 | V.IV | N.7 | O legado de Marielle Franco.
Pastoral Universitária Anchieta PUC-RIO

ficou muito clara a opção da Marielle pela PUC-Rio. Mas, certamente isso foi o que permitiu que a gente se cruzasse, e devo dizer que ela me parecia muito satisfeita com a escolha, durante os anos que estudou por aqui.

Juliana e Gustavo: Você poderia contar um pouco sobre a trajetória da Marielle na PUC-Rio?

Ricardo: A convivência com Marielle continuou depois de sua passagem pela PUC-Rio, que foi de 2003 a 2007. Ela participou da festa de formatura no final de 2006, mas concluiu a monografia de final de curso no primeiro semestre de 2007. Mas continuamos interagindo nos anos seguintes. Depois de formada, por exemplo, ela fez parte do Laboratório de Pesquisa “Governo, Desenvolvimento e Equidade”, coordenado por mim, que reunia orientandos e ex-orientandos meus, da Graduação e da Pós-Graduação em Ciências Sociais.

Olhando para trás, antes de ela virar vereadora em 2016, e certamente uma liderança em ascensão na cidade do Rio de Janeiro, ela investiu muito na formação acadêmica. Procurou se dedicar à graduação em Ciências Sociais, não ficava só na sala de aula, queria atividades extraclasse. E mesmo depois, quando terminou a graduação aqui na PUC-Rio, a gente chegou a trocar e-mails sobre como dar continuidade aos estudos. Ela pretendia inicialmente fazer o Mestrado aqui na PUC-Rio, inclusive preparou e enviou-me uma carta de intenção para o nosso Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCIS). Mas o tema dela, naquele momento, era a Segurança Pública, e assim se definiu pela Universidade Federal Fluminense (UFF), que tinha um grupo de professores trabalhando com essa linha de pesquisa.

Chama a atenção essa determinação, essa vontade de tentar buscar uma boa formação acadêmica. Isso é um aspecto que precisa ser destacado. Por outro lado, ela já despontava como liderança, por ocasião da graduação na PUC-Rio. Ela fez parte da comissão de formatura da turma de 2006, junto com duas outras alunas: Luanda Nascimento e Larissa Ferraz. Além disso, sua liderança no bairro da Maré, onde morava, terminou, de alguma forma, fazendo com que fosse convidada a integrar assessoria parlamentar do então deputado estadual Marcelo Freixo. Mas esse envolvimento nunca atrapalhou sua dedicação ao curso de Ciências Sociais. Enfim, acho que Marielle estava determinada a dar prioridade aos estudos universitários, isso certamente era uma coisa que estava na cabeça dela e dava para perceber com certa facilidade.

Talvez outras pessoas possam confirmar que, possivelmente por falta de tempo, e também pela determinação de fazer bem feito o curso de Ciências Sociais, ela não se envolveu muito com o movimento estudantil. Foi algo que não ganhou prioridade na vida estudantil dela, no sentido de ocupar cargos no Diretório Central dos Estudantes (DCE). Quer dizer, a liderança dela era mais na turma, e, eventualmente, durante os trabalhos da comissão de formatura.

E, finalmente, eu falaria sobre a questão de política partidária. Acho que já falei isso para várias pessoas, mas acho que é importante fazer o registro. Eu diria que, há uns três ou quatro anos antes desse assassinato brutal, que tirou a vida da minha amiga, a gente conversou lá no centro da cidade, ali no café do cinema Odeon. Eu dizia que qualquer dia ela seria convidada pelo PSOL, seu partido político, para ser candidata a um cargo eletivo. Ela riu e disse “de jeito nenhum, Ricardo, não tenho nada a ver com isso”. Neste momento, seu foco ainda era a formação acadêmica, ela já estava avançando na ideia do mestrado na UFF. Anos depois, no segundo semestre de 2016, em pleno processo eleitoral, Marielle, candidata a vereadora pelo PSOL, veio fazer uma visita à PUC-Rio. Naquele dia foi acolhida com alegria e entusiasmo no Departamento de Ciências Sociais, onde instalou um pequeno comitê eleitoral, e, de imediato, assegurou inúmeros cabos eleitorais. Em algum momento dessa visita eu olhei para ela e disse: “E aí, Marielle, o que eu falei para você no café do cinema Odeon?”. Ela disse, sorrindo: “É, você profetizou”.

Acho que, na verdade, ela foi, aos poucos, construindo esse caminho. Às vezes nem com muita intencionalidade de uma candidatura. Quando ela foi eleita em 2016 para Câmara Municipal do Rio de Janeiro, com mais de 46 mil votos, quinta mais votada, uma votação muito expressiva, até surpreendente, era a sinalização que havia um caminho muito promissor pela frente. Mas isso veio com o tempo, depois que ela fez a graduação e o mestrado, e depois que ela passou muito tempo na assessoria parlamentar do deputado estadual Marcelo Freixo. E, portanto, já tinha acumulado formação acadêmica e maturidade para poder trilhar um caminho tão difícil e desafiador como uma carreira política. Apesar do brilho e do talento de Marielle, é bom que seja feito um registro: a candidatura de Marielle em 2016 foi abraçada pelo então candidato a prefeito Marcelo Freixo, como também pelo candidato a vereador Tarcísio Motta. Eles eram os dois candidatos preferenciais do Freixo, no sentido de apoio às candidaturas proporcionais.

Comissão de Formatura

*Larissa Ferraz Araújo
Luanda Ribeiro do Nascimento
Marielle Francisco da Silva*



Comissão de formatura do curso de Ciências Sociais da PUC-Rio (ano 2006).

Marielle Franco se encontra ao centro da imagem.

Foto retirada do convite de formatura.

Juliana e Gustavo: Você falou bastante sobre como a Marielle era uma aluna interessada, interessada em pesquisar e não somente na sala de aula, fazia sempre esse extra. Mas sempre dentro dessa construção da formação. Então você disse que ela não se envolveu muito no movimento estudantil. Mas nos parece, pelo que temos lido sobre ela, que ela era muito envolvida com movimentos sociais dentro da comunidade. Você considera que a Marielle conseguiu trazer a Maré, conseguiu trazer a favela para dentro da PUC? E em que medida?

Ricardo: É uma ótima pergunta. Eu tive uma experiência que aponta nesta direção sugerida por você. Marielle já tinha acabado a graduação dela. E, lá para as tantas, eu fui contatado por ela, que me fez um convite para ir dar uma aula lá na Maré, sobre Celso Furtado. O Movimento Sem Terra (MST) estava fazendo lá um curso com alguns das principais referências do pensamento social brasileiro: Celso Furtado, Florestan Fernandes, Milton Santos, etc. Ela me convidou e lá fui eu conhecer a Maré. Isso foi num sábado e ela veio me pegar de carro, com um amigo. Eu nunca tinha

DIGNIDADE RE-VISTA | ISSN2525-698X | 2019 | V.IV | N.7 | O legado de Marielle Franco.
Pastoral Universitária Anchieta PUC-RIO

ido à Maré. Passei o dia inteiro por lá, entre a aula, almoço e inúmeras conversas. Na Maré, fui ao “Observatório de Favelas”. Fiquei sabendo de uma história muito curiosa. Lá existe um bloco chamado “Se Benze que dá”, que durante o período de carnaval atravessa as várias áreas do bairro. A Maré tem mais de uma facção do tráfico, e o “Se Benze que dá” era um bloco que ia lá quebrar um pouco essa coisa, de território propriedade de cada uma das facções existentes. Assisti também, no final da tarde, a apresentação de um grupo musical da comunidade. Naquele dia inesquecível, conheci um pouco da Maré na visão da Marielle. Tinha Celso Furtado e seu pensamento, tinha o saber comunitário do observatório, tinha problemas, mas tinha alegria e muita vida a ser vivida. Mas, voltando à sua pergunta, acho que a Marielle provavelmente tinha pouco tempo para se dedicar ao movimento estudantil na PUC-Rio. Ela não foi contemporânea, por exemplo, do coletivo de estudantes “Bastardos da PUC”, que tem tido uma participação importante agora nas homenagens póstumas à Marielle. Coletivo que, já na condição de vereadora, Marielle apoiava com entusiasmo.

Acho que a Marielle tinha noção das limitações dela. Tem algumas notas dela no primeiro período que não foram muito boas. Ou seja, ela tinha uma noção clara de que precisava investir muito para conseguir, vamos dizer assim, alcançar os objetivos que pretendia. Como eu disse, ela fez essa opção. Não havia coletivos de estudantes na época dela. Isso veio depois. Evidente que existia já na PUC-Rio uma política – como existe até hoje – muito consolidada de bolsas de estudos para alunos e alunas de comunidades do estado do Rio de Janeiro. Ela foi beneficiada por esse programa. E, portanto, essa questão de trazer a Maré para dentro da PUC-Rio, acredito que foi pouco, no meu modo de ver. Ela não teve muitas oportunidades para isso. Agora a gente tem que entender o seguinte. A Maré é muito distante da PUC-Rio, que fica localizada no bairro da Gávea. Ela tem uma filha, a Luyara, que na época era pequena. Depois, quando começou a trabalhar na assessoria parlamentar do deputado estadual Marcelo Freixo, tinha que se deslocar até a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ). Em uma cidade como essa, a questão da mobilidade urbana é difícil. Então eu acho que, de alguma maneira, ela tinha que fazer uma opção e fez: dar prioridade à questão da formação, dos estudos.

Ela tinha uma compreensão muito grande dos movimentos sociais na Maré, e certamente se tivesse tido espaço e oportunidade, teria trilhado esse caminho. Mas, como eu disse, eu que mantive contato mais direto, como orientador do PIBIC, e, por último como professor da monografia, DIGNIDADE RE-VISTA | ISSN2525-698X | 2019 | V.IV | N.7 | O legado de Marielle Franco.
Pastoral Universitária Anchieta PUC-RIO

percebia que Marielle queria que eu sugerisse boas leituras e mostrasse como se faz uma pesquisa acadêmica. Isso, naquele momento, foi o que prevaleceu.

Agora, claro, não há dúvida que a Maré estava presente todo o tempo. O mundo dela estava lá, a filha, a mãe, a família, os amigos. Lembro que uma vez a encontrei, com a filha e a mãe, no Botafogo Praia Shopping. A gente se cruzou, conversamos. E eu vi até no Facebook, uma foto das mulheres da família: ela, a mãe, a irmã e a filha. Enfim, ela tinha certamente na família uma referência importante. Agora essa coisa do engajamento político, do ativismo em relação à Maré, vai ficar para depois da PUC-Rio, pelo que eu saiba.

Já falei isso em alguns lugares, mas vou aproveitar e falar aqui também. Ela se assumia como uma mulher negra, favelada, lésbica, mas ela tinha uma coisa que eu acho importante falar, porque sou um cientista político. Ela era tipicamente uma liderança que tinha carreira pela frente, de candidatura majoritária. A despeito de sua identidade muito afirmativa, ela falava com todo mundo, ela procurava interagir com todo mundo. Não queria se isolar num único grupo social. Era mulher, negra, favelada, vivia agora com a Mônica. Tudo isso era assumido de maneira clara, transparente, como ela sempre foi. Mas ela não deixava de falar com pessoas brancas, pessoas “hétero”, ou pessoas que moravam na Zona Sul. Isso era uma coisa normal nela. Lembro que, um pouco antes dela morrer, o Eduardo Raposo, meu colega e professor aqui do Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio, estava tocando em algum lugar ou estava conversando em um restaurante, e ela foi lá falar com ele “Oi, Raposo, está por aqui?”. Então, ela tinha uma característica de, vamos dizer assim, estar muito aberta a conhecer pessoas, a conviver com pessoas diferentes. Tinha uma maneira de ser, penso eu, que a levaria, em algum momento da carreira política, a uma candidatura majoritária.

Hoje em dia, nesse mundo que a gente está vivendo, polarizado e segmentado, isso pode até ser visto muitas vezes como: “não, ela é alienada, porque ela não compra briga, ela não está assumindo as bandeiras...”. Eu vejo a maneira de ser dela completamente diferente. Ela tinha muita consciência de todos os problemas em relação à questão da segurança pública. Houve a morte de uma amiga lá na Maré. Ela tinha clareza, evidentemente, das dificuldades de uma mulher moradora de uma comunidade. Clareza de todos os problemas, de todas as dificuldades, mas não passava nenhuma amargura imobilizante sobre tudo isso. Ela tinha consciência da importância de agir. E, para assegurar uma ampla ação coletiva, é preciso se relacionar com todo mundo. Portanto, estou

DIGNIDADE RE-VISTA | ISSN2525-698X | 2019 | V.IV | N.7 | O legado de Marielle Franco.
Pastoral Universitária Anchieta PUC-RIO

dizendo tudo isso para concluir o seguinte: tiraram a vida de uma pessoa que tinha pela frente uma trajetória muito promissora na política, com uma vocação para candidatura majoritária. Porque quando a pessoa é muito voltada para um único grupo social, a carreira dela é tipicamente de um parlamentar. Isso não significa que o papel deste tipo de parlamentar seja menor ou menos importante. Marielle falava para vários grupos sociais, conversava mesmo com grupos contrários, de oposição. Então, tinha claramente uma trajetória de uma futura candidatura majoritária. Não queria ficar falando só pro mesmo grupo ou para as mesmas pessoas, e acho que aqui na PUC ela já era assim.

Marielle era de uma família muito católica. Mas nunca vi a Marielle dizer nada agressivo contra os evangélicos, ou pessoas que são agnósticas. Ela me conheceu, eu sou muito ligado à questão das desigualdades regionais, essa coisa do Nordeste e tal. Havia talvez aí uma identificação. Não sei se foi por isso que me procurou, porque a família dela é de nordestinos, imigrantes. Então, tem aí uma série de coisas, mas não dava para dizer “não, vamos rotular ela desse jeito”. Não é possível rotular a Marielle. Ela tem uma multiplicidade que era bacana. Tanto é que a gente nunca conversou sobre a questão do Nordeste. Falávamos de outras coisas. E, portanto, eu acho que ela tinha claramente uma característica de alguém que tem capacidade de falar para muita gente na sociedade. Isso deveria chamar atenção, e provavelmente tinha pessoas que queriam impedir que surgisse uma nova liderança política na cidade e no estado do Rio de Janeiro.

Juliana e Gustavo: Como você observava que a Marielle se relacionava com os demais alunos da PUC?

Ricardo: A minha experiência em sala de aula, e no grupo de pesquisa, me fazem acreditar que ela se relacionava bem. Uma evidência está na participação na comissão de formatura. A rigor, geralmente, pessoas que têm liderança e tem um bom relacionamento, terminam fazendo parte da comissão de formatura. Isso aconteceu. Nesse grupo de pesquisa, com essas quatro alunas, Marielle mostrou uma liderança espontânea. Com o passar dos anos, eu terminei ficando um pouco no papel, mesmo depois da graduação, de orientar a carreira dela para a vida profissional. Ela tinha sempre uma preocupação de pensar o próximo passo. “Ah, agora vou fazer o mestrado...”. Então, talvez em algum momento, era poderia ter virado uma professora, uma pesquisadora. Podia ter

seguido este caminho. Mas evidente que apareceu essa chance de ser vereadora, e ela foi muito bem-sucedida na eleição. E a forma como exercia o mandato parecia querer colocar em prática seu lado de estudiosa e pesquisadora dos problemas sociais, junto com a política que enfrentava interesses espúrios e combatia a desigualdade social.

Não me lembro de ela ter tido atrito mais sério com nenhum estudante, embora, como seria esperado, o universo dos estudantes seja distante do meu como professor. Vocês teriam que conversar com os estudantes contemporâneos de Marielle, como aquelas que participaram do grupo de pesquisa de iniciação científica e da comissão de formatura.

Juliana e Gustavo: Professor, então, nesse grupo de pesquisa na época você comentou que tinha uma bolsa PIBIC. A bolsa ficou com a Marielle durante algum período? Para além de assistir às aulas e ter essa atividade de pesquisadora em nível de iniciação científica, ela também tinha outra atividade remunerada, fora da PUC?

Ricardo: Nós fizemos um processo seletivo, apareceram umas quatro ou cinco pessoas, e houve uma ordem de classificação. Me parece, salvo engano, que a Marielle não foi a primeira colocada. Então ela só ficou com a bolsa PIBIC depois que essa pessoa que foi selecionada terminou o curso. Mas isso, como eu disse, não a desestimulava. Porque havia uma decisão minha, e de outros professores do Departamento de Ciências Sociais, de que os estudantes que não foram selecionados com a bolsa PIBIC poderiam também participar na condição de voluntários. Isso era importante para ela. Mais na frente, ela terminou ficando com a bolsa. Embora fosse de pequeno valor, ajudava nesta fase de estudos na universidade.

Como foi dito anteriormente, houve um momento em que ela passou a integrar a assessoria parlamentar do deputado estadual Marcelo Freixo, no final do curso de Ciências Sociais. Eu não saberia dizer como isso aconteceu, mas suspeito que foi devido à sua atuação na Maré. Sobre esse momento da trajetória dela, vocês teriam que perguntar ao próprio deputado. Portanto, como ela virou assessora parlamentar, já estava com emprego assegurado no final do curso. Isso, para todos nós, seus professores, foi uma coisa bacana. Acho que ela já esteve aqui falando sobre isso em algum evento sobre mercado de trabalho do cientista social, promovido pelo Departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio. Evidente que existia uma certa instabilidade, porque dependeria do

deputado Freixo ser bem-sucedido na renovação do mandato. Mas como isso aconteceu, ela passou um bom tempo na assessoria parlamentar, talvez uns oito anos ou mais. Na verdade, eu diria que no início do curso é que talvez tenha sido o período mais complicado, porque ela só tinha a bolsa de estudos. A PUC-Rio ajuda alguma coisa, mas ainda é muito pouco. A família deve ter ajudado. A mãe dela provavelmente ficava com a filha, e ela vinha para cá estudar. Depois que surgiu a oportunidade de trabalhar na ALERJ, acho que para ela foi bom, porque assegurou uma maior renda e estabilidade financeira.

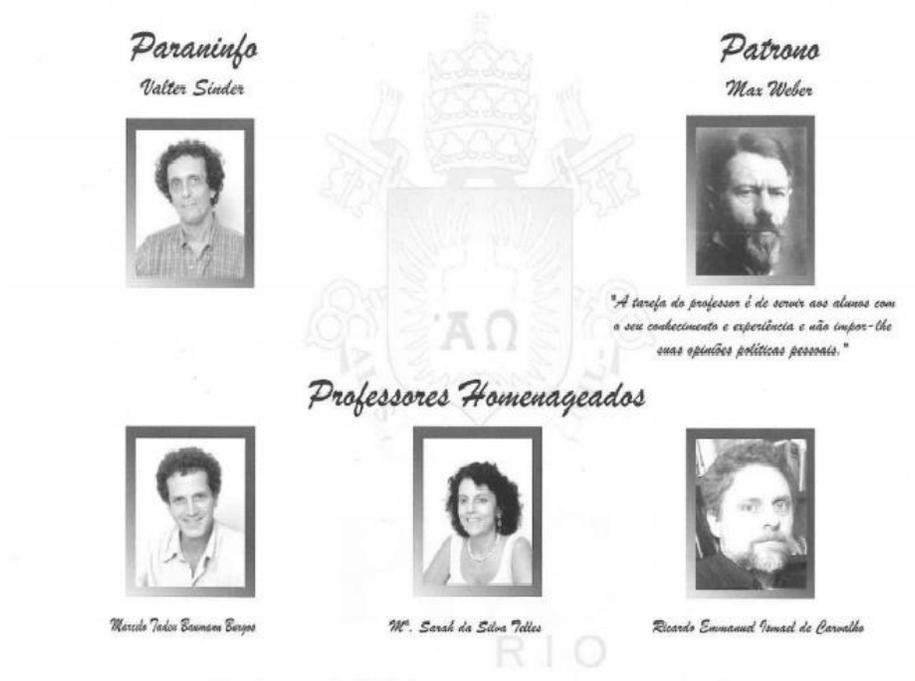
Juliana e Gustavo: Você falou que inicialmente ela não era uma aluna com altas notas, mas nisso ela vai fazendo investimento durante a graduação, e no final termina com a monografia nota 10 que fala justamente sobre educação, trabalho, e esse debate sobre a desigualdade de renda. Parece uma trajetória muito coerente. Você sabe por que a escolha desse tema?

Ricardo: O histórico dela mostra que, de fato, que Marielle encontrou dificuldades em algumas disciplinas no primeiro e no segundo período – segundo semestre de 2002 e primeiro semestre de 2003, respectivamente. A partir de 2004, a média dela se eleva bastante. Então, eu acho que há uma mudança aí, que reflete esse empenho, essa dedicação.

Na verdade, quando surgiu esse grupo de pesquisa de iniciação científica, tinha alguns temas que eu queria investir, e eu fui dando opções para cada uma das alunas, para o perfil de cada uma delas. Lembro que a Larissa estudou os Objetivos do Milênio da Organização das Nações Unidas (ONU), que na época era um tema bacana. A Fabiana Porfírio e a Aline Franca se dedicavam a outras questões. E a questão da desigualdade de renda ficou com a Marielle. Quando eu disse “Você quer? O que você acha?”. Ela respondeu: “Ah, legal”. E, como eu disse, naturalmente ela chegaria ao Celso Furtado, pelo pessoal do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), como chegou pelo MST que promoveu o tal curso que eu fui ministrar na Maré. O Carlos Langoni eu acho mais difícil, foi uma proposta minha, em confiança ela aceitou. A ideia era fazer com que ela percebesse que existia outras interpretações sobre a questão da desigualdade de renda no Brasil e que, a meu ver, são relevantes e, de alguma forma, complementares, e por isto mesmo não deveriam ser ignoradas.

Na verdade, os dois autores são economistas, e isso já traz certa dificuldade, e também mobiliza uma certa resistência. Quer dizer, dois economistas que tratam de um tema muito estudado pelo campo das Ciências, que é a desigualdade. Mas não são dois cientistas sociais. Agora, nessa época, era como se ela dissesse assim: “Ricardo, sugira coisas que eu preciso estudar para minha formação”. E claro que, nessas conversas, também existia alguma crítica, mas no sentido de estímulo a ela, para melhorar a redação, para ler isso, para ler aquilo. Então se criou uma relação de confiança que permanecerá mesmo depois do final do curso.

Por ocasião da formatura, eu mesmo, meus colegas Sarah Telles e Marcelo Burgos, fomos professores homenageados do departamento de Ciências Sociais da PUC-Rio. O professor Valter Sinder, também professor do departamento, foi paraninfo. E o patrono foi o Max Weber. E eu diria que a formatura é uma festa muito bacana aqui na PUC-Rio, principalmente para alunas como ela, de comunidade. É um momento de superação, de uma vitória pessoal e da família envolvida. Para algumas famílias, é a primeira vez que um de seus membros conclui o ensino superior. Então foi muito bacana, foi uma festa muito boa, muito legal. Foi aqui no novo ginásio da universidade. A família da Marielle estava presente. Ela estava muito feliz. E como ela fez parte da comissão de formatura, a cerimônia tinha uma contribuição pessoal. Enfim, acho que ela teve a humildade de perceber suas limitações durante o curso de Ciências Sociais. Ela vinha de escola pública, e se lançou determinada. E foi à luta. Em momento algum ela ficava chateada ou ficava “doída” quando eu fazia alguma crítica. Depois ela foi vendo que isso fazia parte do processo. Eu exigia dela porque acreditava que ela poderia ir longe.



Paraninfo, patrono e professores homenageados da turma de 2006 do curso de Ciências Sociais da PUC Rio.

Foto retirada do convite de formatura.

Juliana e Gustavo: Na graduação em Ciências Sociais, podem surgir dúvidas sobre qual caminho seguir entre a Sociologia, Antropologia e Ciência Política. Essa dúvida apareceu em alguma conversa sua com a Marielle?

Ricardo: Não, não apareceu. Eu acho que as quatro alunas, que formaram o grupo de pesquisa de iniciação científica, fizeram uma opção de seguir sob minha orientação, o que as levou na direção da Ciência Política. No caso da Marielle, o caminho da Ciência Política se consolida quando ela vai para a assessoria parlamentar na ALERJ.

Ela mostrava que tinha confiança em mim. Como eu disse, essa confiança permaneceu mesmo depois que ela terminou a graduação. Ela dizia: “Ricardo, dá para gente conversar?”. Eu respondia:

“Dá”. E a conversa era isso, como seriam os próximos passos. Ela gostava de ter a mim como interlocutor, para amadurecer os próximos passos na sua formação acadêmica. Nunca percebi também, como já disse, uma pretensão de ingressar na política. Eu acho que isso foi surgindo aos poucos. Evidentemente que depois que ela virou assessora parlamentar, e acompanhando a agenda pública do deputado Marcelo Freixo, que deve ser uma loucura, ela começou a conviver com esses problemas todos da cidade. E aí realmente essa coisa da política vai ficando cada vez mais forte. A geração atual na PUC-Rio é um pouco diferente daquela da Marielle. Hoje você tem alguns coletivos muito atuantes como Nuvem Negra, Madame Satã, das Mulheres, Bastardos da PUC, etc. Antes não tinha ainda esses coletivos. Não existia esse ativismo tão grande como tem hoje. Marielle passava a impressão de que sua família dependia muito dela. Você tem a mãe, tem uma filha pequena, então essa parada é “ganhar ou ganhar”. Não se pode perder o foco. Ela sabe o que é o mundo real. Ela tinha tido uma filha, estava tendo que criar. Acho que tem uma questão também que nós nunca discutimos, mas eu via nessa determinação, guardadas as devidas proporções, um pouco da minha experiência pessoal, quando vim do Nordeste para estudar na cidade do Rio de Janeiro.

Então, Marielle tinha que saber como fazer para o caminho dar certo. Tinha que fazer um curso Ciências Sociais da PUC-Rio bem feito, que corrigisse as deficiências da educação básica, e aumentasse suas chances de ingressar no mercado de trabalho. Tinha que terminar o curso de Ciências Sociais e arrumar um lugar para trabalhar. E, portanto, eu diria que ela era muito realista, muito voltada para um lado mais pragmático da vida. De certa forma, estava sempre me fazendo perguntas recorrentes: “Eu quero ver como eu melhoro, como faço para melhorar minhas notas? Posso entrar numa pesquisa? Você acha que isso aqui é importante para eu ler?”. Ela queria um tutor, uma orientação que provavelmente não ia ter na família. Ela não ia ter com quem buscar isso na família dela naquele momento. Depois ela vai conhecendo outras pessoas. Ela tinha consciência dos problemas em termos de raça, gênero, classe, enfim, mas neste momento não tem como se engajar, até porque o custo para um engajamento nessas lutas, na época era muito maior. Porque na medida em que você já tem os coletivos Nuvem Negra, o Bastardos da PUC, o Madame Satã, e outros fora daqui da PUC, o custo de engajamento pode ser menor. Você entra no grupo e divide o custo da ação coletiva. Mas quando você está sozinha, como é que você vai fazer? Não tem como dar conta de uma agenda que tem a filha, mora distante, tem que trabalhar. Eu acho que ela foi

DIGNIDADE RE-VISTA | ISSN2525-698X | 2019 | V.IV | N.7 | O legado de Marielle Franco.
Pastoral Universitária Anchieta PUC-RIO

sendo muito cautelosa em termos de avançar por certos caminhos. Como eu disse, muita gente pergunta “ah, por que ela não começou há mais tempo na política?”. Talvez porque estava fazendo o caminho que ela achava que tinha que fazer para garantir mobilidade social. A geração da Marielle apostou muito na mobilidade social através da educação e do ensino superior. Ela sabia que precisava investir em educação. De certa forma, acredito que ela percebia que, para assegurar mobilidade social no Brasil, você tem que estudar, principalmente se você não é de família rica, ou não tem uma rede de apoios para arrumar um lugar no mercado de trabalho. Ela estava apostando nesse caminho: fazer uma boa graduação, seguir depois para um mestrado, e assim por diante. Não sei se por influência da própria família, por convicção dela mesma, ou ambas as coisas.

Juliana e Gustavo: Você pode falar um pouco da monografia de graduação da Marielle?

Ricardo: Foi um trabalho teórico, que obtive o grau máximo da banca examinadora. Ela lê os principais livros desses dois autores, Celso Furtado e Carlos Langoni, sobre o problema do conflito distributivo no Brasil, que se apresenta como uma distribuição de renda perversa no mercado de trabalho. Ela poderia pegar só o Celso Furtado, como poderia fazer um trabalho comparativo. Eu sugeri, e ela aceitou, que trabalhasse com esses dois autores. Desta forma, a monografia abordaria o pensamento de Celso Furtado, que está mais ligado ao campo da esquerda, e também o de Carlos Langoni, que é um pensador liberal. Como orientador, defendi essa escolha, porque são duas formas diferentes e complementares de olhar a desigualdade de renda no Brasil. Celso Furtado está certo quando defende a regulação do mercado de trabalho, tendo em vista a fragilidade dos sindicatos, em razão dos trabalhadores brasileiros não possuírem o poder de barganha dos trabalhadores da Europa. Então é preciso que o governo entre para poder definir o salário-mínimo, fazer uma regulação, porque se deixar por conta própria, os trabalhadores ou suas organizações vão ter muita dificuldade. E Carlos Langoni também está certo quando diz que a desigualdade de renda, no urbano, é fruto dos desníveis educacionais. Em outras palavras, Langoni lembra a diferença entre estudar na escola pública e na escola particular, o que gera uma desigualdade muito grande que depois aparecerá no ENEM ou em um processo seletivo no mercado de trabalho, de modo que os desníveis educacionais irão determinar os desníveis salariais. E o Langoni dizia também que, no caso do campo, a questão não era educação, e sim o acesso à terra. Então, para o

DIGNIDADE RE-VISTA | ISSN2525-698X | 2019 | V.IV | N.7 | O legado de Marielle Franco.
Pastoral Universitária Anchieta PUC-RIO

Langoni, a educação básica de qualidade é a política pública mais importante para reduzir a desigualdade de renda no mundo urbano. E, no campo, o caminho seria a reforma agrária. A proposta de Celso Furtado está em sintonia com a formulação da social-democracia europeia, que tenta olhar a desigualdade como um resultado da fragilidade dos trabalhadores e suas instituições. Quer dizer, na perspectiva de Furtado, os trabalhadores brasileiros em geral são pouco organizados e seus sindicatos são frágeis. Evidentemente que existem algumas categorias muito organizadas e com sindicatos fortes, mas são exceções; a maioria dos trabalhadores têm sindicatos frágeis ou nem sindicato possuem. Então, nesse caso, é necessário que exista regulação do mercado de trabalho. É necessário que o governo intervenha no conflito entre o capital e o trabalho, e procure tomar medidas para que a desigualdade de renda no país possa ser reduzida. O governo, por exemplo, tem que fixar o salário-mínimo, que é uma maneira de reduzir a desigualdade de renda. Então, Celso Furtado vai dizer que o governo precisa tomar medidas que regulem o mercado de trabalho, e que fortaleçam os trabalhadores e suas organizações. O pensamento do Langoni está situado na perspectiva liberal. Em vez de tentar regular os resultados do jogo, na linha defendida por Celso Furtado, quer garantir a igualdade de oportunidades. No caso do Brasil, as duas perspectivas são importantes. Se você for regular só o resultado do jogo e deixar como está a educação básica no Brasil, fica muito mais difícil resolver a péssima distribuição de renda. Mas também não se pode resolver o problema da educação básica e deixar o mercado de trabalho entregue a própria sorte. As duas perspectivas teóricas não são excludentes. O Brasil precisa garantir uma educação básica de qualidade, e adotar também a regulação governamental do mercado trabalho, para corrigir as imperfeições já conhecidas por todos.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
Departamento de Sociologia e Política

**EDUCAÇÃO E TRABALHO: O DEBATE
EXPLICATIVO PARA A DESIGUALDADE DE RENDA**

Aluna: Marielle Francisco da Silva

Trabalho monográfico de conclusão do Curso

Orientador: Ricardo Emanuel Ismael de Carvalho

PUC-RJ, 2007

1

Capa do trabalho de conclusão do curso de Ciências Sociais na PUC-Rio, cujo orientador foi o professor Ricardo Ismael.

Juliana e Gustavo: Houve alguma abertura ou alguma resistência da Marielle em relação ao Celso Furtado e ao Langoni?

Ricardo: Eu acho que ela se identificou mais com o Celso Furtado, por razões óbvias. Tanto é que quando fui ministrar uma aula na Maré, para o curso planejado pelo MST, o convite era para falar sobre Celso Furtado, que é um pensador com muitos adeptos no campo da esquerda, embora não seja marxista, e sim um reformista. Estudar um representante do pensamento liberal, como Carlos Langoni, era uma novidade para a trajetória pessoal dela. Mas, como pesquisadora, e ela queria

ser uma pesquisadora no campo da Ciência Política, ela entendeu a importância do estudo comparado. Ela compreendeu que, na pesquisa, devem ser estudados todos aqueles que contribuíram para o debate temático.

Juliana e Gustavo: No discurso da Marielle, ficava muito evidente uma força muito grande, que movia as pessoas em volta, uma transmissão de uma certa esperança, a gente percebe que os seguidores dela sentiam isso em relação ao seu discurso. Posteriormente à sua morte, essa potência ficou evidente – por exemplo aqui na PUC houve a nomeação da vila dos diretórios como “Vila dos diretórios Marielle Franco”. A partir disso como você identifica o legado da Marielle? O que fica?

Ricardo: Marielle deveria ser vista como um exemplo. Hoje aqui na cidade do Rio de Janeiro há muito mais ativistas do que tinha quando ela frequentou a PUC-Rio. Tem um ativismo muito grande, um ativismo bacana, coloca o Rio de Janeiro até como vanguarda de muitas lutas. Entretanto, é preciso conciliar o ativismo com uma sólida formação acadêmica. É preciso estudar, se preparar, se qualificar para a ação. Um bom discurso depende de uma boa formação teórica e metodológica. Boas propostas de políticas públicas também precisam de maior qualificação, e muitas vezes de alguma especialização. Isso não é por acaso, isso não pode ser uma coisa voluntarista tipo: “Eu tenho vontade política, vou lá e faço”. Não é assim que surgem boas ideias e bons desenhos de políticas públicas. Muito menos para fazer uma gestão competente de recursos humanos. Os ativistas não estão dispensados de estudar e de se qualificar para a ação. Pensar e agir, essa dicotomia da vida, está o tempo todo presente na vida de um ativista. Para ter uma boa ação, para conseguir realmente fazer alguma coisa bacana, você tem que ter pensado, elaborado, se qualificado, porque senão a gente vai acreditar que basta apenas vontade política e bons princípios. É óbvio que isso é importante, os valores, a intenção e os fins políticos. Mas é preciso ter qualificação, porque senão a coisa pode não ir para frente, aí vai vir uma frustração muito grande.

Juliana e Gustavo: O patrono da formatura da Marielle foi o Max Weber. Em 2018, a homenageada da turma de Ciências Sociais da PUC-Rio foi a Marielle, tem uma importância aí. Importante que a gente se inspire um pouco mais em Marielle e nesse jeito dela de fazer política.

Ricardo: Existia uma outra coisa bacana na Marielle. Ela era muito transparente. E a força dela vinha muito por aí. Tinha uma forma de falar, como eu disse, que mesmo quando dizia “não” a outra pessoa não se sentia diminuída ou agredida. Não ofendia. Nunca a vi ofender ninguém. Ela tem uma transparência, e ela fala com qualquer um, mesmo aqueles que vão receber um “não”. Isso é importante, como já disse, típico de liderança de caráter mais abrangente, característico de candidaturas majoritárias. Ela era uma liderança mais moderada, de tentar buscar um meio-termo, tentar encontrar uma maneira de sair do impasse. E de ir avançando pouco a pouco. E a gente precisa muito disso. Eu tenho admiração por esse tipo de liderança política. É claro que existem outros tipos de lideranças. Não precisa existir um único perfil. Mas eu acho que o bacana é isso, pessoas que dizem “olha, eu sei que meu objetivo é este aqui, mas para chegar lá, eu não vou me isolar, eu não vou agredir as pessoas que são diferentes e possuem outros objetivos, eu não vou atropelar as circunstâncias”. Em outras palavras, é preciso fazer um cálculo político no sentido weberiano. Quer dizer, existe uma ética da responsabilidade, os fins não justificam os meios. A liderança da Marielle ia se colocando naturalmente, em razão da forma como lutava, da forma de ser quando estava lutando. Isso é muito importante em qualquer tempo. E hoje em dia, no Brasil, nem se fala.

A Marielle ainda estava amadurecendo na política, mas sem usar do “vale-tudo”. E isso é importante, porque demora mais para vencer, mas, quando vence, vence de uma forma muito mais forte. É um caminho que certamente tem que ter mais paciência, tem que ter mais persistência, tem que lidar com muitas críticas e incompreensões, mas chegando lá, chega de forma mais sólida. Significava uma renovação na política brasileira. É isso que eu via na trajetória política da Marielle Franco.